

ARTIGOS

A BHAGAVAD-GÎTÂ (II).

(Continuação).

JORGE BERTOLASO STELLA

CAPÍTULO II.

Samjaya disse:

1. — A êste assim vencido pela compaixão, com os olhos turbados e cheios de lágrimas, desesperado, ó matador de Madhu, proferiu esta palavra.

O Bem-aventurado Senhor disse:

2. — De onde te vem, ó Arjuna, no perigo chegado, êste abatimento, indigno de um ária, que não conduz ao céu e causa desonra?

Anâryajustam não é ária. Os árias, segundo alguns, são aquêles que têm um tipo particular de cultura interior e de prática social que insistem no tocante a coragem e a cortesia, a nobreza e a justiça. O termo ária só se encontra neste passo.

3. — Não caias na condição de eunuco, ó filho de Pârtha, isto não se assenta em ti, abandona a pueril pusilaminidade do coração, ergue-te, ó opressor dos inimigos.

Paramâpa — opressor dos inimigos, Arjuna.

Arjuna disse:

4. — Como, ó matador de Madu, combaterei eu na batalha com flexas a Bhísma e a Drona, dignos de veneração, ó destruidor dos inimigos?

5. — Melhor é no mundo comer o alimento mendigado a matar os mestres magnânimos; se matasse os mestres, embora ávidos de riquezas, comeria os alimentos tintos de sangue.

Rudhirapradigdhân: tintos de sangue. Considerando as vítimas de todos os tempos, ouvindo os gritos das mulheres e das crianças e vendo as mil formas de destruição, de opressão e de injustiça: os corações bem formados não podem deixar de repelir tôda e qualquer conquista de sangue.

6. — E não sabemos qual das duas causas seja a melhor para nós: se vencer ou sermos nós vencidos; estes filhos de Dhrtarâstra estão enfileirados em frente, os quais sendo mortos, não desejamos viver.

7. — A piedade é a minha fraqueza, ela feriu o meu íntimo, com a mente perturbada pelo dever, interrogo-te: o que é melhor fazer, dize-me francamente, eu sou teu discípulo, instrui-me, refugio-me em ti.

Aqui se trata do Dharma sagrado, regra divina de que os indianos não se podem subtrair. O Dharma é fixo, independente de toda a crença filosófica ou religiosa. A observância dos ritos é indispensável para a felicidade, quer nesta ou na outra vida.

8. — Não vejo o que possa afastar de mim a dor que insensibiliza os sentidos, mesmo se recebesse na terra um vasto reino sem rival e ainda a soberania dos deuses.

Samjaya disse:

9. — Tendo assim falado a Hrsikeça, Gudakeça, o destruidor dos inimigos, disse assim a Govinda: “Não combaterei” e tornou-se silencioso.

Paramtapah — destruidor dos inimigos.

Govinda — a onisciência do instrutor, diz Madhusûdana, está indicada nesta palavra.

Tûsnim babhuva: tornou-se silencioso. A voz da verdade não pode ser entendida senão no silêncio.

10. — Hrsikeça, como sorrindo, ó filho de Bharata, disse a ele, que estava desolado no meio dos dois exércitos, esta palavra: Bharata é Dhrtarâstra.

O termo *iva* (como se) aplicado ao sorriso de Krsna é uma particularidade da língua mística familiar nas Upanishadas.

O Bem-aventurado Senhor disse:

11. — Tu choras por aquêles que não deves chorar e disseste palavras sábias; os sábios não choram nem os mortos e nem os vivos.

A versão de Kashmir diz: “Tu não falas como um homem inteligente”: *prâjnvat na abhibhâsase*. O instrutor explica brevemente nos versos II, 38, a sabedoria da filosofia do Sâmkhya. Aqui Sâmkhya não se relaciona ao sistema de Kapila, mas ao ensinamento das Upanishadas.

12. — Eu jamais deixei de existir, nem tu, nem êstes príncipes dos homens e também não haverá momento em que nós todos deixaremos de existir no futuro.

Çamkara considera convencional esta referência à pluralidade. Ele afirma que o número plural é empregado para designar os corpos que são diferentes e não o eu universal que é Um. Râmânuja insiste na distinção entre Krsna, Arjuna e os príncipes e a declara final. Para êle tôda a alma individual é imperecível e coeterna com o universo.

A referência aqui não é a eternidade do espírito absoluto, mas à pré-existência e à post-existência dos egos empíricos.

13. — Como a alma neste corpo passa através da infância, da juventude, da velhice, assim também passa para um outro corpo: o sábio nisto não se confunde.

Dehin, alma, incorporável.

14. — Ora os contatos materiais, ó filho de Kuntî, que produzem frio e calor, prazer e dor, que vêm e vão, não duram, suportados, ó filho de Bharata.

15. — O homem que êstes não perturbam, ó touro dos homens, que é o mesmo na dor e no prazer, êste sábio é digno de ser imortal.

16. — Não se conhece a existência daquilo que não é, nem se conhece a não existência daquilo que é, mas o fim de um e de outro é visto por aquêles que vêm a verdade.

Formichi traduz êste *çloka* da seguinte maneira: “Não se conhece criação daquilo que já não existe, não se conhece destruição daquilo que existe: dentre ambos êstes dois (falsos conceitos, criação do não existente e destruição do existente) o fim foi visto por aquêles que vem no fundo das cousas”.

17. — Mas conhece aquêles que é indestrutível, por quem tudo isto é penetrado; ninguém é capaz de causar a destruição dêste imperecível.

Tatam: penetrado. Ver também VIII, 22, 46; IX, 4; XI, 38 e o Mahâbhârata XII, 240, 20. Çamkara emprega o termo “*vyâptam*”.

18. — Destinados a ter fim são dits êstes corpos do eterno incorporal, não sujeitos à morte e incomensurável, então combate, ó filho de Bharata.

19. — Quem o conhece como matador e quem o considera morto, ambos não têm discernimento: êste não mata, nem é morto.

O autor mostra aqui a diferença entre eu e o não eu, o *purusa* e a *prakrta* do Sâmkhya.

20. — Não nasce, nem morre, nem tendo uma vez nascido jamais deixa de existir, incriado, perpétuo, eterno, êste antigo, não morre, morrendo o corpo.

O mesmo conceito encontra-se na *Katha-Upanishada*, 2a. parte, nº 19.

21. — Aquêlo que sabe que êste é imperecível, eterno, incriado, indissolúvel, como pode êste homem, ó filho de Prâtha, matar alguém ou ser causa que alguém seja morto?

Quando sabemos que o eu é invulnerável como podemos matá-lo?

22. — Como o homem abandona as vestes velhas e toma outras novas, assim a alma abandona os velhos corpos e reveste outros novos.

O renascimento é uma lei da natureza. Como o trigo, um mortal morre e como o trigo êle renasce. *Katha Upanishada*. I, 6.

23. — As armas não o cortam, o fogo não o queima, as águas não o molham, nem o vento seca.

Êste *êle*, o espírito ou a alma.

24. — Êle não é cortado, êle não é queimado, não é molhado, nem também secado, perpétuo, penetrando tudo, estável, inabalável, êle é eterno.

25. — É invisível, êle é inconcebível, êle é chamado imutável, por isto, conhecido êle assim, não deves afligir-te.

E' sempre o *purusa* do Samkhya que é descrito aqui, não o *Brahman* das *Upanishadas*.

26. — Mesmo se pensas que êle constantemente nasce ou constantemente morre, ainda assim, tu, ó dos grandes braços, não deves afligir-te por êle.

27. — Certa é a morte do que nasce e certo é o nascimento do que morre, por isto, por uma cousa inevitável, tu não deves afligir-te.

A morte é um fato universal e a vida é um fato universal. "Há tempo de nascer e tempo de morrer". Quantas vêzes se nasce, quantas vêzes se morre? O nascimento já é morte, a morte já é vida.

28. — Os sêres são imanifestos no princípio, manifestos no meio, ó filho de Bharata, imanifestos também no fim, que motivo então para lamentação?

29. — Um o olha como uma maravilha, outro como uma maravilha fala dêle, outro o ouve como uma maravilha e embora ouvindo ninguém o conhece.

Espírito, alma, o eu divino, incorporável.

30. — Este espírito é sempre invulnerável no corpo de cada um, ó filho de Bharata, por isto, tu não deves lamentar ser algum.

O homem é composto do eu, que é imortal e do corpo que é mortal. Este serve de instrumento àquêle e deve ser conservado.

31. — Ora considerando o teu dever, não deves temer, não há outra cousa melhor para um guerreiro do que uma guerra justa.

Ksatrya guerreiro, homem ária da segunda casta real.

32. — Por acaso apresenta-se uma porta aberta do céu, felizes os guerreiros, ó filho de Pârtha, que aceitam tal combate.

A felicidade de um *ksatrya*, guerreiro, consiste não no prazer e no conforto doméstico, mas em combater pela justiça.

33. — Ora se tu não travares esta batalha justa, então cometerás um pecado, tendo faltado ao teu dever e à gloria.

Quando a luta entre a justiça e a injustiça se processa, aquêle que se abstém por falso sentimento ou fraqueza comete um pecado. Lutar pela justiça é um dever.

34. — E também as criaturas narrarão a tua perpétua desonra e para aquêle que tem sido honrado a morte é preferível à desonra.

35. — Os guerreiros dos grandes carros pensarão que te retiraste do combate por temer e aquêles para quem tu eras muito estimado serás menosprezado.

“Grandes carros” — grandes guerreiros.

36. — E os teus inimigos dirão muitas palavras injuriosas, menosprezando a tua capacidade, que maior infelicidade há do que isto?

37. — Se fôrdes morto receberás o céu ou vitorioso gozarás a terra, por isto, levanta-te, ó filho de Kuntí, decidido a combater.

38. — Considerando igual o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota, então ajunta-te ao combate: assim não obterás o pecado.

39. — Este conhecimento te foi dado pelo Sâmkhya, ouve porém este pelo Ioga, provido com este conhecimento, ó filho de Pârtha, serás livre do vínculo da ação.

Na *Bhagavad-Gîtâ*, Sâmkhya não designa o sistema de filosofia conhecido com êste nome, como Yoga não designa o Yoga de Pâtanjali. A versão escolástica do Sâmkhya é um franco dualismo: *purusa* o eu e *prakrti* o não eu. A *Bhagavad-Gîtâ* transcende êste dualismo em firmar a realidade de um Eu Supremo, que é o Senhor de tôdas as cousas. Sâmkhya e Yoga não são neste poema sistemas contraditórios. Eles têm o mesmo alvo, apenas diferem no método.

Karma, ato ou ação. Tôda a boa ação tem como resultado vincular o espírito em novas existências, que constituirão prêmio ou castigo. O escopo de tôda a filosofia é justamente livrar o espírito desses sucessivos renascimentos que prendem as existências, os quais não podem deixar de ser dolorosas, porque todo o vínculo, tôda a ligação de uma livre atitude é dor.

E' interessante notar também que o termo *Karma* não aparece no Rig-Veda.

40. — Não há aqui esforço em vão, não há decepção, mas um pouco dêste dever livra de grande perigo.

Dharma — conhecimento, doutrina, dever, lei.

41. — Para o resoluto, a mente aqui é uma, ó filho de *Kuru*, muitos em ramos e infinitos são os pensamentos entre os irresolutos.

Outros traduzem: "Nêle, ó jóia dos *kurus*, a inteligência resoluta é uma, mas os pensamentos do irresoluto são múltiplos e sem fim".

42. — Esta palavra florida dita pelos ignorantes, que se comparam nas palavras do Veda, ó filho de *Pârtha*, que dizem: "não há outro assim".

Veda, livro sagrado dos hindus, que constitui a revelação sôbre a qual se baseia o ritual brahmanico.

43. — Que têm as almas cheias de desejo, visando o céu, oferecem o nascimento como fruto da ação e prescrevem muitas e variadas cerimônias para conquista do prazer e da soberania.

O instrutor distingue o verdadeiro *karma* da piedade ritualista. Os sacrificios do Veda são destinados à aquisição de recompensas materiais. Mas a *Gîtâ* recomenda que renunciemos todo o desejo e todo o esforço egoista e a fazer a vida inteira um sacrifício oferecido com uma devoção verdadeira.

Svarga — céu é o mundo da luz, o céu de *Indra*, o paraíso no qual estão as almas dos bons antes de descerem à terra.

44. — Para aquêles que são apegados ao gozo e à soberania, cuja razão está voltada para essa palavra, o pensamento, idêntico à resolução, não existe na sua meditação.

A *Bhagavad-Gîtâ*, nos *çloka* 42-44, mostra haver superado o avaro formalismo da religião brahâmanica fundada sobre a leitura dos Vedas e sobre um ritual complicado. Não é mais um feliz renascimento que se deseja como fruto de piás ações, mas a emancipação dos efeitos das ações; não são mais os gozos celestes que estão no pensamento dos devotos, mas a identificação com o Ser, não é mais o sacrifício aos deuses a prática meritória, mas a meditação.

45. — Os Vedas têm por objeto os três guna, ó Arjuna, sê livre dos três guna, livre da dualidade, sempre firme na pureza, sem aquisição e conservação, senhor de ti mesmo.

Yogaksema é a aquisição dos bens novos e a conservação dos bens antigos. Outros traduzem *sattva* por bondade em lugar de pureza.

A matéria, segundo a escola do Samkhya, é quantitativamente indeterminada; quantitativamente resulta dos três elementos (guna) representados como três cabos de uma corda, a matéria que conserva prisioneiro o espírito. São êstes: o *sattva*, o *rajas*, o *tamas*, literalmente: a bondade, a paixão, as trevas, porém, diz Belloni-Fillipi, de significação tão ampla e variada que melhor seria usá-los sem traduzí-los. Segundo A. Besant, guna = atributos ou formas de energias. Elas são: *Sattva* ritmo ou pureza; *rajas* atividade ou paixão; *tamas* energia ou trevas.

Êstes três elementos se manifestam não só na ordem física, mas na intelectual e moral. Luz e sereno são efeitos do *sattva* e assim também gênio e santidade enquanto que o *rajas* produz tempestade, luta e paixão, e o *tamas* inércia, ignorância e apatia. A vida inteira do universo não é senão o resultado da luta entre êstes três elementos com o fim de um vencer o outro. O afirmar que os Vedas têm por objeto os três elementos equiivale dizer que os Vedas não vão além da matéria e ignoram assim a verdadeira espiritualidade a qual consiste em escolher o princípio espiritual, a alma, da matéria, em tornar puro espírito, ou seja a eterna Realidade, o Ser Supremo.

46. — Quanto há de utilidade numa cisterna de que emana água de tôda a parte, tal é a de um inteligente brahmane em todos os Vedas.

A *Bhagavad-Gîtâ* não se prende à letra dos Vedas, ela assinala um progresso no pensamento especulativo indiano. Como obra ortodoxa ela não rejeita, nem renega os Vedas. Nos *çloka* 42-45 se faz

referência não tanto aos Vedas quanto à escola da Pûrvamîmâmsâ, a qual afirma que o mais alto ensino dos Vedas consiste em prescrever a obra, o sacrifício e que a recompensa, o fruto das obras, ou então a posse dos céus, é o máximo que por meio dessa obra se pode obter. A *Bhagavad-Gîtâ* combate resolutamente êste último princípio, embora admita com a Pûrvamîmâmsâ a necessidade da obra e discorde da Uttara-Mîmâmsâ, a qual faz consistir o mais alto mérito no conhecimento do Brahman opta a tornar inútil para o homem a ação. A *Bhagavad-Gîtâ* pois procura um caminho de reconciliação entre as duas escolas que interpretam os Vedas, a Pûrvamîmâmsâ e a Uttara mîmânsâ e afirma no *çloka* 46, que um brahmane iluminado aprenderá dos Vedas a necessidade de agir, porém agirá por um simples sentimento do dever, não porém pela esperança de um prêmio (45).

47. — Tens direito sòmente à ação, jamais aos frutos, não deve ser o fruto da ação o motivo, nem o teu apêgo deve ser à inação.

Êste verso célebre contém o princípio essencial do desinterêsse.

48. — Fundado no yoga, ó Dhanamjaya, pratica as obras, abandonando o apêgo, sê o mesmo no sucesso e no insucesso: a indiferença é chamada Yoga.

Yogasthah — residindo no Ioga, fixa a matéria interior. *Samatvam* é o equilíbrio interior, a matéria do eu, o domínio da cólera, da susceptibilidade, do orgulho e da ambição.

49. — A ação é muito inferior à disciplina da inteligência, ó Dhanamjaya, procura refúgio na inteligência, infelizes são aquêles que têm por motivo o fruto.

50. — Aquêle que é unido à sabedoria abandona aqui ambos o bem e o mal, por isto une-se ao yoga, o yoga é a habilidade nas ações.

Acentua-se a distinção entre o bem e o mal.

51. — Os sábios unidos à sabedoria renunciam o fruto nascido da ação, livres do liame do nascimento, vão para o lugar que é livre do mal.

Alguns traduzem no plural: dos nascimentos; morada sem dor é o *nirvâna*.

52. — Quando a tua inteligência tiver superado a confusão de erro, então te tornarás indiferente ao que tens ouvido e ao que hás de ouvir.

(45). — Formichi C., *Il Canto del Beato*. "Alle Fanti delle Religioni". Ano I Fasc. 1, 1921, p. 34, 35.

53. — Quando separado da Escritura, a tua mente for fixa, estável, inabalável na meditação, então alcançarás o yoga.

Çruti — Santa Escritura, Veda, texto sagrado, revelação.

Samâdhi, meditação, não é parte da consciência, mas a forma mais alta da consciência. *Samâdhi* só se encontra aqui, no v. 44 e no 54.

Arjuna disse:

54. — Qual a descrição daquele cuja inteligência é firme na meditação, ó Keçava? Ele, de entendimento firme, como fala, como fica parado, como anda?

O termo *samâdhi* — “meditação” significa concentração total do espírito, meditação religiosa.

Nos traços da vida hindu, o mais alto grau é o *symnyâsa*, onde as obrigações rituais e sociais são abandonadas. O primeiro degrau é o discípulo estudante, o segundo é o chefe de família, o terceiro é o da solidão e o quarto e último é o da renúncia total. Aquêles que abandonam a vida da família e adotam o estado sem lar são os “renunciadores” (*samnyâsins*).

O Bem-aventurado Senhor disse:

55. — Quando êle, ó filho de Pârtha, abandona todos os desejos da mente, e o espírito está satisfeito em si mesmo por si mesmo, então é chamado firme na inteligência.

Negativamente êste estado é o da ausência de desejo egoísta e positivamente é o da concentração sôbre o Supremo.

56. — Aquêle cuja mente não é agitada pelos sofrimentos, não tem desejo de prazeres, livre de paixão, de medo, de cólera, é chamado sábio de inteligência firme.

Muni: tradicionalmente derivado de *man-*: um recluso que fez voto de silêncio; usado por algum santo, sábio ou asceta. Encontra-se nos seguintes passos: aqui, V: 6, 28, X: 26. E' uma palavra antiga para designar o asceta e encontra-se no Rig-Veda.

57. — Aquêle que a cousa alguma tem apêgo, mesmo que lhe aconteça êste bem ou aquêle mal, nem se regozija, nem odeia, a sua inteligência é firme.

58. — E quando êle retira os sentidos dos objetos dos sentidos como a tartaruga os membros de tôdas as partes, a sua inteligência é firme.

59. — Os objetos dos sentidos desaparecem para o mortal, que se priva do alimento, exceto o gôsto, o gôsto também desaparece ao ter visto o Supremo.

O autor explica aqui a diferença entre a abstenção exterior e a renúncia interior. Podemos rejeitar os objetos e deixar subsistir seu desejo. O desejo nos abandona quando o Senhor é visto. O domínio deve ser tanto sobre o corpo, como sobre a mente. A libertação da tirania do corpo não é suficiente, é preciso que nos libertemos também da tirania dos desejos. Jesus disse que não basta evitar a prática de um mal, é preciso evitar pensar em praticá-lo, isto é, pecar com a mente (46).

60. — Ainda que um homem sábio, ó filho de Kuntî, se esforce, os sentidos agitados perturbam o espírito pela violência.

61. — Tendo-os dominado todos, sendo unido, tendo a mim por principal objetivo, cujos sentidos estão sob o contrôle, a sua inteligência é firme.

Matparah, supremo alvo, outra versão é *tatparah* aplicado a, todo inteiro a.

62. — Quando o homem medita nos objetos dos sentidos nasce o apêgo por êles, do apêgo surge o desejo, do desejo a ira.

Kâma: o desejo. Os desejos podem se mostrar tão poderosos quanto as mais poderosas forças exteriores. Êles podem nos elevar à glória ou lançar-nos na desonra.

63. — Da ira procede a ilusão, da ilusão a perda da memória, da perda da memória a perda da inteligência, pela perda da inteligência êle perece.

Budhinâça: perda da inteligência. Êle é incapaz de discriminar entre o justo e o injusto. Quando o espírito é dominado pela paixão, sua memória está perdida, sua inteligência obscurecida e o homem vai à ruína.

64. — Porém aquêle que se disciplina, movendo-se entre os objetos dos sentidos com os sentidos, livres da atração e repulsa, dominado por si mesmo, chega à tranquilidade.

65. — Na paz há a extinção de toda a infelicidade para êle, a mente daquele cujo ânimo não está sujeito à agitação, imediatamente chega à perfeita estabilidade.

66. — Não há inteligência sem união e sem união não há meditação e para aquêle que não se concentra não há paz, para o não pacífico como pode haver felicidade?

67. — Se a sua mente obedece os sentidos vagantes, isto arrebatava a sua inteligência como o vento à nau sobre a água.

68. — Por isso, ó guerreiro dos grandes braços, aquêlo de quem os sentidos são todos afastados dos objetos dos sentidos, a inteligência é firme.

69. — Aquela que é noite para todos os seres, para o disciplinado é vigília, aquela em que os seres vigiam esta é noite para o asceta que vê.

70. — Como as águas entram no oceano e cheio permanece imóvel, assim êle obtem a paz embora nêle penetrem todos os objetos dos desejos e não aquêlo que se prende aos desejos.

71. — O homem que abandona todos os desejos age sem paixão, sem ambição, sem egoismo, êsse chega à paz.

Há uma Upanishada que reza: “a mente humana é de duas espécies: pura e impura: Aquela que atenta para a satisfação dos desejos é impura; aquela que é livre do apêgo dos desejos é pura”.

Çântim: a paz, supressão de tudo aquilo que turba a existência terrestre.

72. — Êste é o estado de Brahman, ó filho de Pârtha, quem a adquire isto não é confundido, quem nêle pois perdura até o fim chega ao nirvâna em Brahman.

Brâhmîsthiti, divino, a vida eterna.

Antikâle — no tempo final, até a morte.

*Brahmanircânâ*m — extinção em Brahman. Só se encontra aqui e no cap. V., 24, 25, 26. Nirvâna é idêntico a Deus.

Nirvâna é o estado perfeito do Budismo, segundo outros significa extinção. O termo se presta para muitas interpretações.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrí-Krsna e Arjuna, assim é o segundo capítulo chamado:

O Yoga pelo Sâmkhya.

Outros títulos são dados na classificação do capítulo e intitulam os capítulos: “A doutrina do Sâmkhya e a doutrina do Yoga” ou então o “Yoga do conhecimento”, ou ainda “Reto conhecimento do Espírito” etc.

*

* *

CAPÍTULO III.

Arjuna disse:

1. — Se a tua opinião é que o conhecimento é superior à ação, ó Janârdana, porque então me obrigas a uma ação cruel, ó Keçava?

2. — Com semelhante discurso confuso me perturbas a inteligência, dize-me pois uma só palavra, decidida, pela qual eu obtenha o melhor.

O Bem-aventurado Senhor disse:

3. — Nêste mundo há duas vias ensinadas por mim desde a antiguidade, ó inccente: pela disciplina do conhecimento dos Sâmkhyas, pela disciplina da ação dos seguidores dos Yogins.

A escola Sâmkhya representa o racionalismo indiano.

Yogin — seguidor do Yoga, santo, asceta.

4. — Abstendo-se da ação o homem não obtém o livramento dos resultados da ação e nem pela renúncia sòmente chega à perfeição.

Siddhi — onde êle realiza as aspirações da disciplina pelo Yoga.

5. — Ninguém pode estar aqui sequer um momento sem praticar uma ação, cada um é forçado à ação pelas tendências oriundas da natureza.

6. — Aquêlo que sentado controla os órgãos da ação, revolvendo na mente os objetos dos sentidos, engana a si mesmo, êle é chamado um hipócrita.

Além dos sentidos da percepção (audição, vista, olfato, gôsto, tato), os hindus admitem cinco sentidos da ação: caminhar, aferrar, evacuar, reproduzir, falar.

7. — Mas aquêlo, ó Arjuna, que dominando os sentidos pela mente, sem apêgo, se prende com os órgãos da ação do Yoga da ação, êsse é excelente.

8. — Pratica tu a ação prescrita, a ação é pois superior à inação, e nem as funções do teu corpo poderiam desenvolver-se sem a ação.

9. — Exceto a ação para o fim do sacrificio, êste mundo é prêso à ação, pratica esta ação, ó filho de Kuntí, renunciando o apêgo.

Çamkara identifica *yajna* a Visnu.

Râmânuja a interpreta literalmente por sacrificio.

10. — Tendo Prajâpati no principio criado os homens com o sacrificio, disse: “Por êste vos propagareis, seja isto para vós a vaca da abundância que satisfaça os vossos desejos”.

Prajâpati — Senhor dos homens, Demiurgo.

Aqui é Brahmâ, o Criador.

Kâmadhuk é a vaca mítica de Indra, de que se pode tirar tudo o que se deseja.

Garbe pensa que os *çloka* 9-18 são uma interpolação em sentido ritualista.

11. — Nutri com êste os deuses, e êstes deuses vos nutrirão, nutri-vos reciprocamente, obtereis o mais alto bem.

12. — Os deuses nutridos pelo sacrifício vos darão os bens desejados, aquêle que recebe sem retribuir os bens que êles oferecem, êsse certamente é um ladrão (47).

13. — Os bons que se alimentam dos restos do sacrifício se purificam de tôda a mancha, os maus, que cozinham para si mesmos, êstes na verdade se alimentam do pecado.

14. — Da nutrição originam-se os sêres, da chuva nasce a nutrição, do sacrifício nasce a chuva, o sacrifício origina-se da ação.

Parjanya, chuva, nuvem, deus do temporal (48) nome de uma divindade Védica.

15. — A ação origina-se de Brahma, Brahma, sabe, se origina do Imperecível, por isso Brahma, que está em tôda a parte, eternamente se apoia no sacrifício.

A ação tem sua raiz no Imperecível.

16. — Aquêle que não segue aqui a roda posta assim em movimento tem uma vida de pecado, dado ao prazer dos sentidos, êsse, ó filho de Pârthâ, vive em vão.

17. — Mas o homem que se regosija em si mesmo e consigo mesmo está satisfeito e contente em si próprio, para êle nada há a fazer.

18. — Nenhum interêsse há para êle naquilo que faz ou naquilo que não faz, êle não encontra em todos os sêres motivos de interêsse.

19. — Portanto executa sempre sem apêgo a ação que deves cumprir, o homem, que age sem apêgo, alcança o Supremo.

20. — Na verdade pelas obras Janaka e outros obtiveram a perfeição, ora em consideração do bem do mundo deves agir.

Janaka, rei de Mithilâ, é o pai de Sîtâ, espôsa de Râma, célebre pela sua sabedoria.

Lokasamgraha, manutenção do mundo, designa a unidade do mundo.

21. — Aquilo que um nobre homem faz, outros também fazem, a norma que êle estabelece o mundo segue.

(47). — *Provérbios* 3: 9, 10.

(48). — *Manu*, III, 76.

22. — Não há por mim obra que deva ser cumprida nos três mundos, ó filho de Pârtha, nem nada a obter que não tenha sido obtido e no entanto me aplico à ação.

A vida de Deus e a vida do mundo não são opostos uma à outra.

23. — Ora se eu não fôsse sempre infatigável na ação, os homens, ó filho de Pârtha, por tôda a parte seguiriam o meu caminho.

O têrmo *vartama* “caminho” só se encontra aqui e no cap. IV, 11.

24. — Se eu cessasse de agir êstes mundos pereceriam, seria o autor da confusão e estas criaturas seriam destruídas.

Êste *çloka* (verso) é considerado espúrio por alguns críticos.

25. — Como os ignorantes estão presos à obra que fazem, ó filho de Bharata, assim faça o sábio, porém sem apêgo, procurando a conservação do mundo.

26. — Não gere o sábio dúvida nos ignorantes, presos à ação, mas haja recolhido, sabendo encontrar o agradável em tôda a ação.

Não se deve enfraquecer a devoção religiosa de quem quer que seja. Não se deve tirar aquilo que a pessoa possui se não se tiver alguma cousa melhor a oferecer. A fé é mais larga do que a crença.

27. — Tôdas as ações são feitas pelas qualidades da natureza, o tolo egoísta em si mesmo pensa assim: “eu sou o agente”.

28. — Mas, ó dos grandes braços, aquêlê que conhece a essência das categorias do guna e do ato, sabe que os guna assim se movem nos guna e não se prende.

29. — Aquêles que são desvairados pelos guna da natureza são presos aos atos dos guna, êstes, não conhecendo o todo, são inertes, aquêlê que conhece o todo não é abalado.

30. — Deposita em mim tôdas as obras com o pensamento no âtman, sê sem cobiça e sem egoísmo, combate, a febre desaparece,

31. — Os homens que seguem constantemente êste meu ensino, que têm fé, não maldizem, êles se libertam das ações.

***Karmabhih* outros traduzem: “pela suas ações”, pelas ações.**

32. — Mas êstes que maldizem não praticam a minha doutrina, sabem que separados de tôda a ciência, êles perecem privados da razão.

33. — Ora o sábio age segundo a própria natureza, os sêres seguem a sua natureza, quem poderá opor-se?

34. — A atração e a repulsa do objeto dos sentidos habita nos sentidos, não se deve estar sob o seu domínio, os dois são inimigos pois.

35. — É melhor o próprio dever sem mérito do que o dever de outro bem realizado, melhor a morte no próprio dever, cumprir o dever de outrem é perigoso.

Arjuna disse:

36. — Ora porque, ó descendente de Vrsni, este homem é levado a praticar o pecado contra a sua vontade como impellido por uma força?

Anicchannapi — mesmo contra a sua vontade.

O Bem-aventurado Senhor disse:

37. — Este é o amor, esta é a ira originada do elemento da matéria, que é a paixão, o grande devorador, o grande pecador, sabe este é aqui o inimigo.

38. — Como o fogo é envolto pelo fumo e o espelho pelo pó, como o embrião é envolto pela placenta, assim este é envolto por ela.

“Ela” é a paixão do verso 37.

Alguns traduzem “êste” por mundo, outros por conhecimento.

Çamkara entende que *idam* é sabedoria.

39. — Envolta é a sabedoria, ó filho de Kuntî, por este insaciável fogo sob a forma de desejo, que é o inimigo permanente do sábio.

A palavra *kâmarûpta* pode também significar “em forma de desejo”.

“O desejo jamais é satisfeito pelo gozo dos objetos do desejo; êle aumenta sem cessar como o fogo ao qual se lhe atira combustível (49).”

40. — Os sentidos, a mente, a inteligência são, se diz, a sua sede, com êstes êle envolve a sabedoria, perturba a alma.

41. — Por isto, ó touro das Bharatas, dominando no princípio os sentidos, abandona este pecado destruidor de sabedoria e do discernimento.

Kathaka Up. I 3, 10. Os objetos dos sentidos são superiores aos sentidos, e o manas (sentido interno) aos sentidos; mas a buddhi é o grande âtman e por grande âtman se entende o intelecto cósmico, de que é emanção a buddhi ou inteligência individual, um é puro sujeito do conhecer, a outra é a propagação individual caduca.

E’ possível que *jñâna* e *vijñâna* designem respectivamente a sabedoria do Vedânta e o saber analítico do Sâmkhya. Çamkara expli-

(49). — *Manu*, II, 94.

ca *jñâna* por: “conhecimento de si e das outras cousas aprendidas nas escrituras e dos instrutores” e *vijñâna* por: “experiência pessoal, anubhava, das cousas assim ensinadas”. Para Râmânua, *jñâna* se refere à *âtmasvarûpa*” ou à natureza do eu e *vijñâna* é *âtâmâviveka* — o conhecimento discritivo do eu. Nesta tradução: *jñâna* é apresentada-sabedoria espiritual e *vijñâna* — conhecimento lógico (49a).

42. — Os sentidos, se diz, são grandes, maior do que os sentidos é a mente, maior do que a mente é a inteligência, maior do que a inteligência é êle.

Deve-se entender o conhecimento da verdade filosófica e o saber adquirido pela própria experiência.

Êste verso enuncia a hierarquia dos níveis da consciência.

43. — Conhecendo assim aquilo que é superior à inteligência, concentre em ti mesmo por timesmo, mata, ó dos grandes braços, o inimigo inconciliável sob a forma do desejo.

Segundo Yâmunâcârya, êste capítulo expõe a necessidade de cumprir a ação sem algum apêgo egoista pelos seus resultados, com vista a assegurar o bem do mundo e perceber que a energia ativa pertence aos modos de Prakrti ou a Deus mesmo.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çrî-Krsna e Arjuna, assim é o terceiro capítulo chamado:

O Yoga da ação.

*

*

*

CAPÍTULO IV.

O Bem-aventurado Senhor disse:

1. — Êste yoga imperecível eu o narrei a Visvavat, Visvavat comunicou a Manu, Manu o narrou a Iksvâku.

Visvavat, um nome do sol, literalmente o brilhante; o pai de sete Manus (daí chamado Vaivasvata), o progenitor da presente raça humana. Iksvâku é filho de Manu, chefe da dinastia solar.

2. — Assim transmitido de um para outro, conheceram-no os sábios reis, porém num longo curso de tempo êste yoga esteve aqui desaparecido, ó tormentador dos inimigos.

Râjarsis — reis e *rsis* — sábios, reis, anacoretas, que se dedicaram à vida espiritual e são considerados como semi-deuses no céu de Indra. Râma, Krsna e Buda têm ensinado a mais alta sabedoria.

Kâlena mahatâ, num longo curso de tempo. Este ensinamento é gradualmente obscurecido com o correr dos séculos. Para renovar a fé, para o bem da humanidade, é que aparecem os grandes instrutores. Krsna o ensina a seu discípulo para despertar a fé nêle e eliminar a sua ignorância.

3. — Ora êste mesmo yoga antigo te foi hoje declarado por mim, pois és meu devoto e amigo, êste é o segredo supremo.

Yoga purâtanah, antigo yoga. O Instrutor declara que não anuncia doutrina nova alguma, mas restabelece a antiga tradição, a verdade eterna transmitida de mestre a discípulo. O ensinamento é renovação, redescoberto, restauração de um conhecimento por muito tempo esquecido. Buda e Mahâvira, Çamkara e Râmânua, contentam-se em afirmar que êles não fazem senão reformular ou formular as novas instruções dos seus antigos mestres. Os grandes instrutores não têm a pretensão à originalidade. Êles afirmam sòmente que ensinam a antiga verdade que é a norma definitiva segundo a qual todos os ensinamentos são julgados, a fonte eterna de tôdas as religiões e de tôdas as filosofias, a *philosophia perennis*, o *sanâtana dharma*, aquilo que Santo Agostinho chama: “A sabedoria que não tem sido feita, mas que é hoje aquilo que sempre tem sido e sempre será” (50).

Arjuna disse:

4. — O teu nascimento é posterior, o nascimento de Visvavat é anterior, como posso entender que tu o tenhas assim ensinado no princípio?

Buda afirma que havia sido instrutor de inumeráveis Bodhisattvas nas éras passadas (51). *Saddharmapundarîka*, XV, 1. E Jesus disse: “Antes que Abrão fôsse, eu sou”.

O Bem-aventurado Senhor disse:

5. — Muitos são os meus nascimentos passados e os teus, ó Arjuna, eu os conheço todos, tu não os conhece, ó destruidor dos inimigos.

Esta é a doutrina da encarnação ou o *avatâra*. *Avatâra*: significa pròpriamente “descida” e não deve ser confundida com a encarnação cristã. Entre o *avatâra* da Índia e a encarnação de Cristo, comparadas entre sí, há uma diferença inconciliável, na opinião de Pizzagalli.

(50). — *Conf.* IX, 10; Radhakrishnan, *Bhagavad-Gitâ*, p. 164.

(51). — João, 8: 58.

6. — Embora não sendo criado, de essência imperecível, Senhor das criaturas, governador da minha própria natureza, renasço pelo meu próprio poder.

As encarnações dos seres humanos não são voluntárias. O nascimento ordinário das criaturas é determinado pela força de Prakrti *avaçam prakrter vaçât* (IX, 8), mas o Senhor renasce pelo seu próprio poder, *âtmanâyayâ*.

Mâyâ — poder mágico sôbrenatural. “E’ a faculdade de realizar o impossível”.

7. — Quando há enfraquecimento da justiça, ó filho de Bharata e desenvolvimento da injustiça, então eu crio a mim mesmo.

8. — Para proteção dos bons, destruição dos malfeitores, estabelecimento da justiça, renasço de época em época.

E’ a função de Deus, chamado Visnu, protetor do mundo, manter o mundo no caminho da justiça. Ele assume o nascimento para restabelecer o direito quando o mal prevalece.

9. — Aquêlê que na realidade assim conhece o meu nascimento divino e a ação, ó Arjuna, tendo abandonado o corpo, não nasce de nôvo, êle vem a mim.

10. — Livres da paixão, do temor, da ira, cheios de mim, muitos refugiados em mim, purificados pelo ascetismo da ciência, chegam à minha essência.

11. — Como êles se voltam para mim, assim também eu os aceito, ó filho de Pârthâ, os homens seguem inteiramente o meu caminho.

Mama vartmâ: meu caminho, a maneira de me adorar. Encontra-se também no capítulo III, 23.

Sarvaçah: de todos os lados, total, inteiramente, de todo modo. Outra versão dá *sarvaprakâraih*, de tôdas as maneiras. Êste *çloka* (ou verso) põe em relêvo a larga catolicidade da religião da *Bhagavad-Gîtâ*. Ela não fala de tal ou qual forma de religião, mas do “elan” ou do impulso que se exprime em tôdas as formas no desêjo de encontrar a Deus e de compreender a nossa relação com Ele. E’ o mesmo Deus que todos adoram. A diferença de concepção e de aproximação são determinadas pela côr local e a adaptação social. Tôdas as manifestações são aquelas de um único ser supremo: “Visnu é Çiva e Çiva é Visnu quem pensa que êles são diferentes vai para o inferno”.

“Aquêlê que se conhece sob o nome de Visnu é na realidade Rudra e Rudra é Brahmâ” (52).

12. — Aquêles que desejam o sucesso das ações sacrificam aqui às divindades, na verdade imediatamente no mundo dos homens aparece o sucesso da ação.

13. — Foram criadas por mim quatro castas, segundo a difen-
ciação de qualidades e ações, conhece a mim o seu autor, embora
não opere sendo o Imutável.

Akartâram: o não agente. Como o Supremo é sem apêgo, é
chamado o não agente. As obras não afetam o seu ser imutável bem
que êle esteja no plano invisível de tôdas as ações.

14. — As obras não me mancham, não é o fruto da ação dese-
jado por mim, aquêle que assim me conhece, êsse não é prêso pelas
obras.

15. — Sabendo que assim foi feito pelos antigos desejosos da
libertação, cumpre também tua ação já cumprida pelos antigos num
tempo mais antigo.

16. — Que é ação, que é inação? nisto se confundem também
os sábios, dir-te-ei o que é ação, conhecendo-a te livrarás do mal.

17. — Ora é preciso saber o que é ação e saber o que é ação
proibida e saber o que é inação, o caminho da ação é difícil.

18. — Aquêle que vê a ação na inação e a inação na ação, êsse
é sábio entre os homens, êle está em estado de união, pratica a ação
inteira.

19. — Aquêle de quem tôdas as emprêsas são isentas de desejo
e vontade, êste de quem o fogo do conhecimento queimou as ações,
os esclarecidos chamam sábio.

20. — Tendo abandonado o agarramento ao fruto da ação,
sempre satisfeito, sem dependência, na realidade, envolto na ação,
êle não age.

21. — Sem esperança, dominando a mente e a si mesmo, renun-
ciando tôda a possessão, cumprindo a ação do corpo sòmente, não
comete pecado.

Çârîram karma é ação necessária na manutenção do corpo, se-
gundo Çamkara e Madhusûdana. E' ação acabada pelo corpo só,
segundo o Vedânta Diçika.

22. — Contente com qualquer resultado, tendo vencido a du-
plicidade, sem inveja, igual no sucesso e também no insucesso, agin-
do não está prêso.

23. — Aquêle de quem sem agarramento, livre, com a mente
firme no conhecimento, age como se fôsse um sacrifício, a ação de
tudo desaparece.

24. — Brahman é oferenda, Brahman é oblação, no fogo está
Brahman, por Brahman é consumado o sacrifício, em Brahman
pois deve andar quem opera, meditando em Brahman.

Este Brahman neutro é o ser absoluto de quem o mundo e os
deuses são a manifestação.

25. Alguns yogins oferecem sacrifícios aos deuses, outros porém com o sacrifício oferecem sacrifício no fogo de Brahman.

Observam as práticas estabelecidas nos ritos.

26. — Uns oferecem o ouvido e outros sentidos nos fogos do refreamento, outros oferecem os objetos dos sentidos, o som e outros sentidos nos fogos dos sentidos.

27. — Outros oferecem tôdas as ações dos sentidos e as obras do espírito no fogo do yoga do domínio de si mesmo pela iluminação do conhecimento.

28. — Alguns oferecem riquezas, oferecem ascetismo, oferecem exercício espiritual, os ascetas com votos rigorosos oferecem o estudo e o seu conhecimento.

Yati — asceta, uma classe de ascetas místicos, associadas aos Bhrghus.

29. — Outros sacrificam na aspiração a respiração, na respiração também a aspiração, em retendo as atividades da respiração e da aspiração, concentradas na restrição dos sopros.

30. — Outros, limitando a nutrição, sacrificam os sopros nos sopros, todos êles porém, conhecendo o sacrifício, cancelam com o sacrifício os pecados.

31. — Aquêles que comem a ambrósia do resto do sacrifício vão a Brahman o eterno, se êste mundo não é de quem não sacrifica, como poderá sê-lo o outro, ó melhor dos Kurus?

A lei do mundo é o sacrifício e aquêles que o viola não pode obter o poder nem aqui, nem no além.

32. — Assim os sacrifícios são de muitas espécies oferecidos na bôca de Brahman, sabe, todos são originados da ação, assim, conhecendo isto, serás livre.

Assim são expostos nos Vedas: a bôca dêsse fogo que recebe oferendas.

33. — Melhor do que o sacrifício da riqueza é o sacrifício do conhecimento, ó filho de Pârtha, tôda a ação é compreendida no conhecimento.

34. — Conhece isto pela prostração, pela pergunta, pelo serviço, êles te ensinarão o conhecimento, os conhecedores que vêm a verdade.

Êste verso estabelece que na vida espiritual a fé vem em primeiro lugar, depois o conhecimento e por fim a experiência.

35. — Tendo-o conhecido assim não voltarás mais à confusão, ó filho de Pându, porque verás os seres sem excepção em ti mesmo, também em mim.

36. — Mesmo se fôres o maior pecador de todos os pecadores atravessarás todo o pecado sòmente com a barca do conhecimento.

O t ermo *vrjinam* — pecado são se encontra aqui.

37. — Como o fogo ardendo reduz   cinza o combustível,   Arjuna, assim o fogo do conhecimento reduz   cinza tôdas as ações.

38. — Não há aqui purifica o semelhante ao conhecimento, aquêle que   perfeito em yoga com o tempo o encontrar  em si mesmo (53).

39. — Aquêle que tem f  obt m o conhecimento, intento s mente a  le, domina os sentidos, obtido o conhecimento, entra sem demora na paz suprema.

Craddha: f . A fé   necessária para a aquisi o da sabedoria. A fé não   crença cega. Ela   aspira o da alma voltada para a sabedoria.

40. — O ignorante, o incrédulo, e o que tem d vida na mente, perece, nem êste mundo, nem o outro, nem a felicidade   para quem tem d vida de espírito.

41. — Aquêle que renunciou a a o p lo yoga, que pelo conhecimento dissipou a d vida, que   senhor de si mesmo, as a es não o prendem,   Dhamamjaya.

42. — Tendo, portanto, cortado com a espada do conhecimento de ti mesmo esta d vida, que está no cora o, originada da ignorância, entrega-te ao yoga, ergue-te,   filho de Bharata.

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-G t , ciência de Brahma, tratado do yoga, diálogo entre  r -Krsna e Arjuna, assim   o quarto capítulo, chamado:

O Yoga do conhecimento.

*

* * *

CAPÍTULO V.

Arjuna disse:

1. —   Krsna, louvas a renúncia das a es e do outro lado o yoga, dize-me com certeza qual dos dois   o melhor.

(53). — 4:36. A Bhagavad-G t  ensina a salva o universal para todos os pecadores (capítulo 9: 30, 32).

O Bem-aventurado Senhor disse:

2. — A renúncia e o yoga da ação ambos fazem a suprema felicidade, porém dos dois é superior o yoga da ação do que a renúncia da ação.

3. — Deve-se reconhecer constante renunciador aquêlo que não odeia, não deseja, que é sem duplicidade, ó guerreiro dos grandes braços, êle é libertado fãcilmente do liame.

Nityasamnyâsi: aquêlo em quem há sempre o espírito de renúncia.

4. — Os ignorantes, não os sábios, falam do Sãmkhya e do Yoga como separados, ora aquêlo que se baseia em um obtém juntamente o fruto de ambos.

Bâlâ — criança, ignorante, tolo.

Aqui Sãmkhya significa renunciar as boas obras e aprofundar-se no conhecimento; Yoga ao contrário é agir conforme o dever. Neste capítulo, diz Radhakrishnan, Yoga significa Karma-Yoga e Samkhya designa a via intelectual e a renúncia à ação.

5. — Aquêlo lugar que é obtido pelos seguidores do Sãmkhya, é obtido também pelos seguidores do Yoga, aquêlo que vê que o Sãmkhya e o Yoga são um, êsse vê.

Há quem afirme que *sthâmani* aqui significa lugar, sede, nirvâna. O termo encontra-se aqui no capítulo VIII: 28, IX: 18, XVIII: 62.

O *Mabhâbhârata* diz que a religião do Bhagavata é igual em mérito à religião do Sãmkhya.

6. — Ora a renúncia, ó guerreiro dos grandes braços, é difícil deser obtida sem o yoga, o sábio praticando o yoga não tarda em ir ao Brahman.

Yoga: disciplina.

7. — Aquêlo que unido ao yoga, tendo a alma pura, venceu a si mesmo, tendo dominado os sentidos, aquêlo cujo eu tornou-se o eu de todos os sêrcs, embora agindo, não se manche.

8. — Ora aquêlo que conhece a essência das cousas, recolhido em si, pensa: “Não faço cousa alguma”, vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, caminhando, dormindo, respirando.

9. — Falando, evacuando, agarrando, abrindo e fechando os olhos, êle considera: são os sentidos que operam nos objetos dos sentidos.

10. — Aquêlo que age, depositando as ações em Brahman, abandona o apêgo, êle não é manchado pelo pecado como a fôlha de lôto pela água.

A *Bhagavad-Gîtâ* ensina não renunciar as obras, mas oferecê-las, cumprí-las em ofertas ao Senhor em quem só há a imortalidade.

11. — Os yogins, abandonando o apêgo, praticam a ação com o corpo, com a mente, com a razão e também com os sentidos somente, para a purificação de si mesmos.

O “*manas*” — mente é o órgão central da percepção que supre os cinco sentidos.

12. — Aquêles que está unido, tendo abandonado o fruto da ação, obtém a paz imutável, aquêles que não está unido, levado pelo desejo, prêso ao fruto, está amarrado.

Yuktah — “unido”, disciplinado na ação.

13. — Tendo abandonado tôdas as ações pela mente, tendo-se dominado, incorporado felizmente nas nove portas da cidade, não age, nem faz agir.

O corpo é muitas vêzes chamado a cidade de Brahman. As sete portas, na parte superior do corpo são: os dois olhos, dois ouvidos, duas narinas e a bôca e as duas artes inferiores são as da eliminação.

14. — O Senhor do mundo não criou o agente, nem as ações, nem o yoga, que prende o fruto à ação, porém é a própria natureza que produz.

Prabhuh — Senhor, outros dizem ser o Eu Soberano do conhecedor, o verdadeiro Eu, um com tudo aquilo que é.

15. — O Senhor não participa do pecado, nem mérito de ninguém, a sabedoria é envolta pela ignorância, por isso as criaturas são iludidas.

Ajñâna “pela ignorância”. E’ a ignorância que nos faz crer na realidade última do múltiplo; *jñânam* “sabedoria”. E’ a sabedoria que é fundamento único de tôdas as distinções.

16. — Porém aquêles em quem o conhecimento de si mesmo destruiu essa ignorância, o seu conhecimento revela como o sol êste Supremo.

17. — Aquêles que têm a mente nêle, que têm o espírito nêle, que estão firmes nêle, tendo-o como supremo fim, o pecado é destruído pela sabedoria, vão para não mais voltarem.

18. — Os sábios vêm com um mesmo olhar um Brahmane, que tem o adôrno da sabedoria e da humildade, uma vaca, um elefante, um cão e também uma pária.

Samadarçinah — ver com um ôlho igual. O Eterno é mesmo em todos os sêres: nos animais e nos homens. *Samadarçinah* só se encontra aqui.

Açavapâka — comedor de cão, homem de baixa casta, pária.

Vidyâvinayasmpanne — um grande saber conduz a uma grande humildade. À medida que o nosso conhecimento aumenta nós tornamos cada vez mais conscientes das trevas que nos cercam. Um pouco de conhecimento conduz ao dogmatismo; um pouco mais ainda à pesquisa; mais ainda à oração, diz S. Radhakrishnan.

Vinaya: humildade ou melhor a modéstia, fruto da cultura.

19. — Aqui em baixo estão aquêles que venceram a criação cuja mente reside na igualdade, porque Brahman é sem defeito, igual, por esta razão êles estão em Brahman.

20. — Não se alegra obtendo o agradável, não se perturba obtendo o desagradável, tem a mente firme sem perturbação, conhecendo Brahman, está firmado em Brahman.

Brhamani sthitah: estabelecido em Deus.

21. — Não tendo o espírito prêso aos contactos externos, encontra em si mesmo a felicidade pelo yoga, o seu eu é unido a Brahman, êle obtém a felicidade imperecível.

22. — Os prazeres que nascem do contacto são na verdade a fonte da dor, têm principio e fim, ó filho de Kuntí, o sábio não se regozija nêles.

23. — Aquêle que também aqui em baixo, antes de ser livre do corpo, é capaz de suportar o impulso, nascido do desejo e da ira, êste é um devoto, êste é um homem feliz.

24. — Aquêle que tem dentro de si a felicidade, que tem dentro de si o gôzo, igualmente dentro de si a luz, êste yogin chegou ao nirvâna Brahmanico, tornou-se Brahman.

25. — Os videntes obtêm o nirvâna Brahmânico, purificados do peccado, tendo destruido a dualidade, dominada a mente, gozam em fazer o bem a tôdas as criaturas.

Há dois aspectos da religião, o pessoal e o social, pessoalmente devemos descobrir o Divino em nós, socialmente, a comunidade deve ser submissa à imagem do Divino.

Êste *çloka* ou verso revela que o nirvâna não é simples aniquilamento, mas é um estado positivo, cheio de conhecimento e domínio de si.

26. Os ascetas chegam ao nirvâna Brahmânico, quando se livram do desejo e da cólera e dominam a mente, conhecendo o eu.

27. — Tendo colocado fora os contactos exteriores e fixando o ôlho entre as sobrancelhas, tornando igual a aspiração e a respiração, que vão pelo interior das narinas.

28. — Tendo dominado os sentidos, a mente, a razão, o asceta que com a vista à libertação final, dominou o desejo, o medo, a cólera, êle é pois livre para sempre.

29. — Aquêlê que me conhece desfrutador dos sacrificios e das austeridades, o grande Senhor de todos os mundos, o amigo de tôdas as criaturas, chega à paz.

O Deus transcendente torna-se o Senhor de tôda a criação, amigo de tôdas as criaturas. Dá o sol e a chuva aos bons e aos maus (54).

Nas Upanishadas da sagrada Bhagavad-Gîtâ, ciência de Brahma, tratado do Yoga, diálogo entre Çri-Krsna e Arjuna, assim é o quinto capítulo, chamado:

O Yoga da renúncia da ação.

(*Continua*).